

# Orações complexas com verbos de percepção como forma de expressão da evidencialidade

(Complex constructions with perception verbs expressing evidentiality)

Valéria Vendrame-Ferrari<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

valvendrame@yahoo.com.br

**Abstract:** This research describes the syntactic, semantic and pragmatic aspects of complex constructions with perception verbs with evidential meanings. Three perception verbs are considered: *ver* (to see), *ouvir* (to hear) and *sentir* (to feel). They were selected since they are the most prototypical ones of each sense. The theoretical background of accounting perception verbs here rests on Functional Discourse-Grammar (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). The data analyzed comprise samples of spoken Portuguese, from Iboruna database (GONÇALVES, 2007), and of written texts, published in blogs and discussion forums. The results show that complex constructions with *ver*, *ouvir* and *sentir* express different types of evidentiality.

**Keywords:** evidentiality; perception verbs; complex constructions.

**Resumo:** O presente trabalho descreve os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos das construções complexas que têm como predicados encaixadores verbos de percepção e que permitem uma leitura evidencial. São considerados três verbos de percepção: *ver*, *ouvir* e *sentir*, que foram selecionados por serem os representantes mais prototípicos de cada sentido. A teoria que embasa este estudo é a da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). O material de análise é proveniente de amostras de língua oral, do Banco de Dados Iboruna (GONÇALVES, 2007), e de textos publicados na internet, em blogs e fóruns de discussão. Os resultados mostram que as construções complexas com os verbos *ver*, *ouvir* e *sentir* expressam diferentes tipos de evidencialidade.

**Palavras-chave:** evidencialidade; verbos de percepção; construções complexas.

## Introdução

A evidencialidade é o fenômeno linguístico que expressa a fonte da informação contida em um enunciado. Em muitas línguas, tal fenômeno é codificado por meio de itens gramaticais, como afixos, clíticos e morfemas. Em língua portuguesa, ele é expresso primordialmente por meio de itens lexicais, como verbos, advérbios e locuções prepositivas.

Dentre os itens lexicais disponíveis aos falantes do português para expressar as fontes das informações que veiculam, os verbos são, sem dúvida, a forma mais comum de expressão de evidencialidade. Em diferentes línguas, segundo Aikhenvald (2004), os verbos de percepção, aqueles que denotam visão, audição, tato, olfato e paladar, são a fonte para o desenvolvimento de marcadores evidenciais. No estágio atual da língua portuguesa, não se observa o desenvolvimento de marcadores evidenciais a partir da gramaticalização de verbos de percepção. Ainda assim, concordando com o que se propõe em vários trabalhos sobre línguas como o inglês e o alemão (cf. CHAFE, 1986; ANDERSON, 1986; WOODBURY, 1986; WHITT, 2009), acredita-se que tais verbos possam ser considerados formas de expressão da evidencialidade. Nesse sentido, a hipótese geral deste trabalho é a de que os verbos de percepção em língua portuguesa podem ser considerados evidenciais. Em que

tipos de construções esses verbos assumem sentido evidencial e quais tipos de evidencialidade estão relacionados com cada construção é o que se pretende investigar.

Tal investigação tem como base teórica a Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF) (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). No modelo de gramática proposto pela GDF, a evidencialidade, assim como qualquer outro fenômeno linguístico, é descrita em termos de níveis ou camadas de acordo com as características semântico-pragmáticas e morfossintáticas que o item ou a construção evidencial apresenta na língua em estudo. Assim, dentro da GDF, os diferentes tipos de evidencialidade são alojados em diferentes níveis ou camadas. A partir da classificação da evidencialidade proposta pela GDF e dos princípios analíticos desse modelo, busca-se descrever os usos evidenciais dos verbos *ver*, *ouvir* e *sentir*.

Esses três verbos foram selecionados por serem os representantes mais prototípicos de cada sentido (*ver* para visão, *ouvir* para audição e *sentir* para tato, olfato e paladar) e por estarem relacionados com uma ampla variedade de sentidos evidenciais. Apesar de a presente investigação levar em conta apenas três verbos, acredita-se que a classificação aqui empreendida também seja válida para os outros verbos de percepção.

Tendo em vista a perspectiva funcionalista adotada nesta pesquisa, os dados analisados dizem respeito a usos reais da língua portuguesa. O material de análise é proveniente de amostras de língua oral, do Banco de Dados Iboruna (GONÇALVES, 2007), e de textos publicados na Internet, em *blogs* e fóruns de discussão.

Sustentando a hipótese, já mencionada, de que os verbos de percepção constituem formas de expressão lexical da evidencialidade, os dados levantados foram analisados com o objetivo maior de descrever os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos das estruturas em que os verbos *ver*, *ouvir* e *sentir* são usados e permitem uma leitura evidencial. Com este trabalho, pretende-se mostrar que a expressão lexical da evidencialidade, apesar de não ser sistemática, também pode ser enquadrada nos mesmos subtipos semântico-pragmáticos da evidencialidade gramatical.

## **A evidencialidade**

A evidencialidade corresponde, em termos genéricos, à explicitação da fonte da informação contida em um enunciado. O termo “evidencialidade”, tal como conhecido atualmente nos estudos linguísticos, foi introduzido por Jakobson (1957 apud FLOYD, 1999, p.4) como uma tentativa de nomear “uma categoria linguística distinta do modo e que se referia à marcação da fonte da informação em geral”. No entanto, apenas com a publicação de *Evidentiality: the Linguistic Coding of Epistemology* (CHAFE; NICHOLS, 1986) é que o uso do termo passa a ser mais recorrente na Linguística. Tal obra consiste na compilação dos trabalhos apresentados na conferência de Berkeley (EUA), em 1981, a primeira conferência dedicada integralmente ao assunto. Desde a década de 1980, portanto, a evidencialidade vem sendo tratada a partir de várias perspectivas em línguas do mundo todo.

Atualmente, podem ser encontrados muitos estudos sobre a codificação da evidencialidade em diferentes línguas, demonstrando a complexidade e a variedade dos sistemas evidenciais (cf. JOHANSON; UTAS, 2000; AIKHENVALD; DIXON, 2003;

AIKHENVALD, 2004; os números especiais das revistas *Journal of Pragmatics*, v. 33, n. 3, 2001, e *Functions of Language*, v. 16, n. 1, 2009, dentre outros trabalhos).

Um dos estudos tipológicos pioneiros sobre a evidencialidade no qual muitos outros estudos se basearam é o de Willet (1988), que estudou as marcas evidenciais gramaticais em 38 línguas ameríndias. Nessa pesquisa, o autor distingue dois tipos de evidência – a direta e a indireta – levando em conta a natureza primária ou secundária da fonte da informação utilizada pelo falante.

Os mecanismos de evidência direta, segundo Willet, são utilizados quando o falante é testemunha direta da informação contida em seu enunciado, ou seja, o falante declara-se fonte da informação e ainda informa que viu, ouviu, ou teve algum contato sensorial com o fato qualificado evidencialmente. A evidência indireta, por outro lado, é utilizada quando o falante afirma saber da situação descrita por meios verbais (evidencialidade relatada) ou somente por meio de inferência (evidencialidade inferida).

Aikhenvald (2004), em seu estudo sobre a evidencialidade gramatical em mais de 500 línguas de várias partes do mundo, assim como Willet, considera a fonte da informação como sendo o significado primário da evidencialidade enquanto categoria gramatical e organiza sua descrição do fenômeno em termos da complexidade e dos significados codificados pelos “sistemas evidenciais”.<sup>1</sup>

No estudo de Aikhenvald, portanto, as línguas são agrupadas conforme o sistema gramatical evidencial que apresentam. Tais sistemas, segundo a autora, variam em termos da quantidade de fontes da informação codificadas e em termos da maneira como elas são marcadas. Existem sistemas mais simples, de duas possibilidades, que marcam, por exemplo, evidência direta (ou de primeira mão) e evidência indireta (não de primeira mão). Há sistemas de três escolhas, que envolvem, pelo menos, uma especificação sensorial, como, por exemplo, evidência direta (ou visual), e especificações de evidencialidade inferida e relatada. Os sistemas de quatro possibilidades envolvem uma ou duas especificações sensoriais, como, por exemplo, evidência visual e evidência sensorial não-visual, e especificações de evidencialidade inferida e relatada. Os sistemas evidenciais mais complexos são aqueles que permitem cinco ou mais possibilidades de codificação de evidencialidade. Um exemplo desse tipo de sistema seria aquele que marcasse evidência visual, sensorial não-visual, inferida, assumida e reportativa.

Aikhenvald é bastante categórica ao dizer que a evidencialidade é uma categoria gramatical codificada apenas por formas que fazem parte da gramática de uma língua. Segundo a autora, não se pode dizer que o inglês, por exemplo, possui evidencialidade, uma vez que, nessa língua, expressões que indicam fonte de informação não são obrigatórias e não constituem uma categoria gramatical. Assim, línguas como o inglês, em que há primordialmente meios lexicais que expressam sentidos relacionados com a fonte da informação, possuem “estratégias evidenciais”,<sup>2</sup> e não uma categoria (ou sistema) evidencial. Pode-se dizer então que, de um modo geral, toda língua de alguma forma tem meios de marcar a fonte da

---

1 A autora define “sistema evidencial”, utilizando as palavras de Johanson (2003), como “um conjunto paradigmático de formas” (AIKHENVALD, 2004, p. 67).

2 De um modo mais específico, estratégias evidenciais são, segundo Aikhenvald (2004, p. 105), “categorias e formas que adquirem sentidos secundários de alguma forma relacionados com a fonte da informação [...] elas são diferentes dos evidenciais propriamente ditos, cujo primeiro – e não raramente o único – sentido é a fonte da informação.”

informação, mas nem toda língua tem evidencialidade gramatical. “Ter meios lexicais para opcionalmente especificar a fonte do conhecimento é provavelmente universal” (AIKHENVALD, 2004, p. 10).

A consideração da marcação lexical da evidencialidade como válida traria, de acordo com Floyd (1999), sérias consequências para uma comparação tipológica justamente pela questão das diferentes nuances dos dois tipos de marcação da evidencialidade. Isso não significa que não se possa trabalhar a evidencialidade lexical em línguas individuais, como mostram os trabalhos de Vendrame (2005), Gonçalves (2003), Dall’Aglio-Hattner (2001, 2007) e Casseb-Galvão (2001), dentre outros, sobre o português e o de Chafe (1986) sobre o inglês.

Neste trabalho, a evidencialidade é considerada um fenômeno existente em todas as línguas, que pode ser codificado de diferentes maneiras de acordo com os recursos gramaticais ou lexicais que a língua oferece. A partir desse ponto de vista, pode-se considerar que a evidencialidade, de acordo com as suas diferentes formas de manifestação, pode formar sistemas gramaticais fechados, sistemas gramaticais em desenvolvimento, sistemas mistos (que contêm formas gramaticais e lexicais) e sistema de marcação lexical.

## **A evidencialidade na GDF**

A GDF, apesar de compartilhar muitos dos pressupostos teóricos da Gramática Funcional (DIK, 1997a, 1997b), consolida-se como uma teoria autônoma. Como se pode depreender pelo nome da teoria, na GDF é dado destaque à influência dos aspectos discursivos sobre a forma linguística. Hengeveld e Mackenzie esclarecem, no entanto, que a GDF não é uma gramática do discurso, não é uma teoria que descreve a organização do discurso, mas sim um modelo de gramática que codifica intenções e conceitualizações. “A GDF procura entender como unidades linguísticas são estruturadas em termos da realidade que elas descrevem e das intenções comunicativas com as quais elas são produzidas e molda isso em uma implementação dinâmica da gramática” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 2).

A GDF é concebida como o componente gramatical de uma teoria mais ampla de interação verbal. Com esse componente gramatical interagem três componentes não-gramaticais, são eles: Componente Conceitual, Componente Contextual e Componente de Saída.<sup>3</sup>

O Componente Gramatical é subdividido em quatro níveis: o Interpessoal, o Representacional, o Morfossintático e o Fonológico. O Nível Interpessoal representa uma unidade linguística em termos de sua função comunicativa. Ele capta todas as distinções da Formulação que dizem respeito à interação entre Falante e Ouvinte, como noções retóricas da estruturação do discurso e distinções pragmáticas que revelam como os Falantes constroem suas mensagens tendo em vista as expectativas do Ouvinte. No Nível Representacional, são considerados os aspectos semânticos das unidades linguísticas. O termo “semântico” é usado na GDF de uma forma bastante específica, com dois sentidos diferentes: i) “as maneiras pelas quais a língua se relaciona com o mundo extralinguístico que ela descreve,” e ii) “os significados de unidades lexicais (semântica lexical) e de unidades complexas (semântica

<sup>3</sup> Para um detalhamento sobre os quatro componentes e a interação entre eles, ver Hengeveld e Mackenzie (2008).

composicional) sem levar em conta as maneiras em que essas são usadas na comunicação” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 128-129). O Nível Morfossintático é o responsável por receber informações semânticas e pragmáticas e organizá-las em uma única representação estrutural, que será convertida em um construto fonológico no Nível Fonológico.<sup>4</sup>

De acordo com os princípios da GDF, tanto as formas lexicais quanto as formas gramaticais de codificação da evidencialidade são acomodadas dentro do modelo. De um modo geral, marcadores lexicais, como advérbios, por exemplo, são chamados de modificadores, e marcadores gramaticais, como afixos, por exemplo, são chamados de operadores. Modificadores e operadores podem pertencer a diferentes níveis ou camadas, dependendo da função que exercem.

Na GDF, são consideradas três categorias evidenciais: a reportatividade, a evidencialidade inferida e a percepção de evento (aqui chamada de evidencialidade direta). Cada uma dessas categorias atua em camadas diferentes, e a primeira atua em um nível diferente das outras duas, conforme se apresenta a seguir.

No Nível Interpessoal, atuam os marcadores reportativos, que servem para indicar que o Falante está retransmitindo um Conteúdo Comunicado expresso por outro Falante dentro de seu próprio Ato Discursivo. O exemplo a seguir, adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 103), ilustra a ocorrência de dois reportativos:

(01) “Eu não vou embora agora,” *disse Pedro*. “Mas já está tarde,” *disse Maria*.

Em um contexto em que o Falante narra um diálogo entre Pedro e Maria, “disse Pedro” e “disse Maria” são considerados reportativos, uma vez que indicam a fonte, ou o Falante real, do Conteúdo Comunicado que está entre aspas. O trecho todo deve ser analisado, no Nível Interpessoal, como contendo dois Movimentos, cada um com um Ato Discursivo. Dentro de cada Ato Discursivo, há um Conteúdo Comunicado, que aparece entre aspas, e um modificador reportativo.

No Nível Representacional, a evidencialidade ocorre nas camadas da Proposição e do Estado-de-Coisas. No primeiro caso, ela especifica a maneira como o Falante teve acesso à informação contida no Conteúdo Proposicional. A seguir, é apresentado um exemplo de evidencialidade na camada da Proposição, da língua pawnee (adaptado de HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 155):

(02) Tir-ra-ku:tik-Ø                      ku:ruks.  
INF-ABS-matar-PFV                  urso  
'Ele deve ter matado um urso.'

Nesse caso, o operador *tir* indica que o Falante inferiu que alguém matou um urso.

Na camada do Estado-de-Coisas, a evidencialidade corresponde à Percepção de Evento, uma categoria que marca se o Estado-de-Coisas foi testemunhado diretamente pelo Falante por meio de algum sentido. No exemplo a seguir, da língua tariana, observa-se a percepção de um Evento codificada por um operador de percepção de evento:

---

<sup>4</sup> Em Hengeveld e Mackenzie (2008), as unidades de cada nível do Componente Gramatical são explicadas minuciosamente.

- (03) Waha ikasu-nuku hĩ-nuku alia-naka.  
 nós agora-TOP.NON.A/S DEM.ANIM-TOP.NON.A/S EX-VIS.PRS  
 ‘Aqui estamos nós agora (conversando).’

(Adaptado de HENGVELD; MACKENZIE, 2008, p. 177)

Nesse caso, o morfema *naka* é usado para indicar que o Falante está vendo o Estado-de-Coisas descrito. Observa-se que, como ocorre nos sistemas evidenciais de muitas línguas, o morfema indicador de evidencialidade indica simultaneamente tempo.

Essa tipologia também contempla os sentidos evidenciais codificados por outras formas além de modificadores e operadores, como é o caso dos verbos de percepção. Dessa forma, se o Falante deseja transmitir uma informação que foi apreendida por meio de um de seus sentidos, ele pode fazer isso de três formas, dependendo da natureza da informação obtida e do modo como ela foi percebida, que está relacionado com o sentido envolvido na percepção. O Falante pode, por meio de verbos de percepção, veicular uma informação linguística lida ou ouvida, uma informação que é resultado de um cálculo mental ou uma informação que é resultado de uma percepção física. Essas três intenções comunicativas se relacionam com diferentes tipos de evidencialidade e as diferenças entre elas se refletem na descrição das unidades linguísticas dentro dos níveis da GDF, como se vê na próxima seção.

### Os verbos *ver*, *ouvir* e *sentir* e a evidencialidade na GDF<sup>5</sup>

De acordo com os pressupostos da GDF, no Nível Interpessoal, as intenções comunicativas desenvolvidas no Componente Conceitual são traduzidas em representações pragmáticas. Nesse Nível da gramática, a expressão linguística é analisada em termos de sua função comunicativa. Nos casos de evidencialidade expressos por construções complexas com verbos de percepção, independentemente do tipo de evidencialidade e da semântica do verbo, a intenção do Falante é a mesma: a de comunicar ao Ouvinte o Conteúdo Proposicional evocado pelo Conteúdo Comunicado, por isso a representação subjacente interpessoal de ocorrências dos três tipos de evidencialidade é igual, como se pode observar nos casos apresentados a seguir de evidencialidade reportativa (04), inferida (05) e direta (06):

- (04) **Eu ouvi que você estava trabalhando em um projeto solo.**  
 (<http://www.goethe-verlag.com/book2/PTHE/PTHE094.HTM>)  
 (M<sub>i</sub>: (A<sub>i</sub>: [(F<sub>i</sub>: DECL (F<sub>j</sub>)) (P<sub>i</sub>)<sub>S</sub> (P<sub>j</sub>)<sub>A</sub> (C<sub>i</sub>: [(T<sub>i</sub>) (+id R<sub>i</sub>: [+S, -A] (R<sub>j</sub>)) (T<sub>j</sub>) (R<sub>j</sub>) (R<sub>k</sub>)) (C<sub>i</sub>))] (A<sub>i</sub>) (M<sub>i</sub>))
- (05) **Senti que a briga estava mais violenta**, pois a garota começou a gritar e o rapaz a bronquear com ela. O carro estava balançando. (<http://bardoescritor.net/maobranca/contos/tatuagem.htm>)  
 (M<sub>i</sub>: (A<sub>i</sub>: [(F<sub>i</sub>: DECL (F<sub>j</sub>)) (P<sub>i</sub>)<sub>S</sub> (P<sub>j</sub>)<sub>A</sub> (C<sub>i</sub>: [(T<sub>i</sub>) (+id R<sub>i</sub>: [+S, -A] (R<sub>j</sub>)) (T<sub>j</sub>) (R<sub>j</sub>) (C<sub>i</sub>))] (A<sub>i</sub>) (M<sub>i</sub>))
- (06) uma vez teve um:: eu pa/ a:: passeando com meu marido e **vi... um:: um carro batê(r)** e o cara... levantô(u) saiu do carro (AC-128, L. 17-19)  
 (M<sub>i</sub>: (A<sub>i</sub>: [(F<sub>i</sub>: DECL (F<sub>j</sub>)) (P<sub>i</sub>)<sub>S</sub> (P<sub>j</sub>)<sub>A</sub> (C<sub>i</sub>: [(T<sub>i</sub>) (+id R<sub>i</sub>: [+S, -A] (R<sub>j</sub>)) (T<sub>j</sub>) (R<sub>j</sub>) (C<sub>i</sub>))] (A<sub>i</sub>) (M<sub>i</sub>))

5 É importante ressaltar que a análise apresentada nesta seção não se assenta em parâmetros quantitativos, mas nos traços formais e funcionais que caracterizam os valores evidenciais dos verbos de percepção aqui analisados.

Como pode ser observado nas estruturas hierárquicas de (04) a (06), nos três casos de evidencialidade, há um Movimento (M<sub>1</sub>) constituído de um único Ato Discursivo (A<sub>1</sub>), que é proferido pelo Falante ((P<sub>1</sub>)<sub>S</sub>) e endereçado ao Ouvinte ((P<sub>1</sub>)<sub>A</sub>), com Força Ilocucionária Declarativa (DECL). O Ato Discursivo contém um Conteúdo Comunicado (C<sub>1</sub>), que é composto por dois Subatos Atributivos ((T<sub>1</sub>) e (T<sub>2</sub>)) e variado número de Subatos Referenciais. Dentre esses Subatos Referencias, o primeiro, nos três casos, corresponde ao Falante (+id R<sub>1</sub>: [+S, -A] (R<sub>1</sub>)).

No Nível Representacional, são considerados os aspectos semânticos das expressões linguísticas. As unidades de análise desse nível são determinadas pelo que elas designam no mundo extralinguístico. Assim, expressões linguísticas usadas para designar realidades diferentes no mundo extralinguístico são representadas por categorias semânticas distintas dentro da gramática. Tendo em vista que neste estudo são analisados três verbos com significados diferentes e que cada um pode exprimir vários tipos de percepção, a descrição da evidencialidade no Nível Representacional diferencia-se pela semântica do verbo e pela categoria semântica com a qual ele se relaciona.

De acordo com o modelo da GDF, a expressão da evidencialidade envolve as unidades mais altas do Nível Representacional, Estado-de-Coisas e Conteúdo Proposicional, e uma unidade do Nível Interpessoal, a do Conteúdo Comunicado. A seguir, cada tipo de evidencialidade é analisado a partir do ponto de vista semântico.

A evidencialidade reportativa diz respeito à retransmissão, por parte do Falante, de um Conteúdo Comunicado produzido em outra ocasião por um outro Falante. Dos três verbos considerados neste estudo, apenas *ver* e *ouvir* codificam esse tipo de evidencialidade. O verbo *sentir* não é usado na expressão de evidencialidade reportativa porque, dentre os sentidos relacionados a esse verbo, não está a retransmissão de informação de natureza linguística.

A seguir, são apresentadas duas ocorrências de evidencialidade reportativa, a primeira com o verbo *ver* (07) e a segunda com o verbo *ouvir* (08):

(07) agora depois disso essa programação do Gugu::... do Faustão:: (e coisas) nós num eles eh:: assim é muito sensacionalismo né? que nem o Faustão LEva... vamo(s) supor algum ator pra se mostrá(r) a vida então pare::ce:: as pessoas falan(d)o que aquela pessoa é o supra-sumo... tá certo... né?... SÃO todo mundo tem seus pontos negativos seus pontos positivos mais assim... é mui::to:: né? todo mundo ficá(r) choran(d)o que nem esses dias **eu vi na Folha de São Paulo que o::... Marcos Paulo foi lá e num chorô(u) nenhum momento** então [Doc.: ((risos)))]... acharam que ele:: assim é muito durão eu/ eu/ eu num vi eu só só li na Folha de São Paulo criticando o Marcos Paulo porque ele num tinha chorado... uai a pessoa vai lá e é obrigado [a chorá(r)] (AC-118, L.548-557)

(p<sub>1</sub>: (past ep<sub>1</sub>: (e<sub>1</sub>: [(f<sub>1</sub>: [(f<sub>2</sub>: ver (f<sub>2</sub>)) (x<sub>1</sub>)<sub>A</sub> (C<sub>1</sub>: (p<sub>1</sub> (past ep<sub>1</sub>: -o Marcos Paulo foi lá e num chorou nenhum momento- (ep<sub>1</sub>) (p<sub>1</sub>) (C<sub>1</sub>)]<sub>U</sub>] (f<sub>1</sub>)) (e<sub>1</sub>)<sub>φ</sub>]) (ep<sub>1</sub>)) (p<sub>1</sub>))

(08) Em conversas com alguns atletas, como Fernando Scherer, **ouvi que as instalações do Maria Lenk são as melhores do mundo**. O mesmo elogio ouvi do pessoal da patinação de velocidade e de atletas de outras modalidades.

(<http://www.papodebola.com.br/24horas/20070802.htm>)

(p<sub>1</sub>: (past ep<sub>1</sub>: (e<sub>1</sub>: [(f<sub>1</sub>: [(f<sub>2</sub>: ouvir (f<sub>2</sub>)) (x<sub>1</sub>)<sub>A</sub> (C<sub>1</sub>: (p<sub>1</sub>: (pres ep<sub>1</sub>: -as instalações do Maria Lenk são as melhores do mundo- (ep<sub>1</sub>) (p<sub>1</sub>) (C<sub>1</sub>)]<sub>U</sub>] (f<sub>1</sub>)) (e<sub>1</sub>)<sub>φ</sub>]) (ep<sub>1</sub>)) (p<sub>1</sub>))

A diferença entre a evidencialidade reportativa codificada por um e outro verbo está no modo como a informação retransmitida foi obtida pelo Falante. Em (07), o verbo *ver* indica que a informação sobre o fato de Marcos Paulo não ter chorado foi lida no jornal *Folha de São Paulo*. Em (08), o uso do verbo *ouvir* indica que a informação que o Falante retransmite sobre as instalações do Maria Lenk foi ouvida por ele quando conversava com alguns atletas.

Essa diferença entre uma e outra leitura reportativa, gerada pelo significado de cada verbo, não resulta em representações semânticas diferentes, ou seja, a informação que o Falante retransmite é, em ambos os casos, do tipo Conteúdo Comunicado, como se pode observar nas estruturas subjacentes dos trechos em destaque. Os dois trechos são descritos por uma mesma estrutura constituída por uma Proposição ( $p_i$ ), que contém um Episódio ( $ep_i$ ), que, por sua vez, contém um Estado-de-Coisas ( $e_i$ ). O Estado-de-Coisas ( $e_i$ ) é caracterizado pela Propriedade Configuracional ( $f_i$ ), composta por outra Propriedade ( $f_j$ ), que especifica a relação entre os outros dois constituintes: o Indivíduo ( $x_i$ ) e o Conteúdo Comunicado ( $C_i$ ). A unidade do Nível Interpessoal Conteúdo Comunicado entra na representação semântica para designar um conteúdo linguístico com o qual se relaciona a unidade semântica Indivíduo. Isso é possível na arquitetura da GDF porque, como os quatro níveis de organização da Gramática alimentam o Componente Contextual, qualquer unidade nele armazenada pode ser acessada pela Formulação e reutilizada em mensagens posteriores. Assim, nos casos de evidencialidade reportativa, o Falante retransmite um Conteúdo Comunicado produzido anteriormente por um outro Falante que estava armazenado no Componente Contextual.

A evidencialidade inferida é utilizada quando o Falante deseja expressar um Conteúdo Proposicional que é resultado de uma conjectura baseada em evidências internas ao falante. Os três verbos analisados neste estudo se prestam à expressão desse tipo de evidencialidade. A seguir são apresentados casos de evidencialidade inferida codificados por construções complexas com os verbos *sentir* e *ver*:

(09) Elas são bem tratadas elas se vestem muito bem... elas até comem bem... né?... se CALçam bem... né? tão na moda vão e saem mas tem problemas psicológicos porque HÁ a falta desse pai e dessa mãe... que é uma necessidade que a criANça tem... éh::... dela de tê(r) a figura do homem e da mulher pra educá(r) junto... junto educá(r) a criança... éh aí a gente vê né? filho... a aí começa mexê(r) com dro::ga... éh o problema do alcoolis::mo... né?... a gente vê a FEBEM tão lotada de adolesCENTes... que há e a gente ahm:: **eu sinto... que é essa falta da família...** essa falta do SEio familiar dessa conviVÊN::cia com o pai e com a mãe... ou até mesmo dois irmãos... porque muitas vezes na separação... os filhos se dividem... éh::... (AC-102, L. 370-378)

( $p_i$ : (pres  $ep_i$ : ( $e_i$ : [( $f_i$ : [( $f_j$ : sentir ( $f_j$ )) ( $x_i$ )<sub>A</sub> ( $p_j$ : (pres  $ep_j$ : [–é essa falta de família–] ( $ep_j$ )) ( $p_j$ ))] ( $f_i$ ) ( $e_i$ )<sub>φ</sub>] ( $ep_i$ )) ( $p_i$ ))

(10) Olá pessoal, na opinião de vocês, as oficinas eletrônicas (conserto de TV, DVD, som) ainda têm uma vida longa? É que tenho uma oficina e **vejo que está cada vez mais difícil competir com o valor baixo dos aparelhos novos** e para se conseguir peças está cada vez mais difícil... Que produtos e serviços posso agregar em minha oficina?

([http://www2.eletronica.org/recently\\_modified?b\\_start=int=8919&-C=](http://www2.eletronica.org/recently_modified?b_start=int=8919&-C=))

( $p_i$ : (pres  $ep_i$ : ( $e_i$ : [( $f_i$ : [( $f_j$ : ver ( $f_j$ )) ( $x_i$ )<sub>A</sub> ( $p_j$ : (pres  $ep_j$ : [–está cada vez mais difícil competir com o valor baixo dos aparelhos novos –] ( $ep_j$ ) ( $p_j$ ))] ( $f_i$ ) ( $e_i$ )<sub>φ</sub>] ( $ep_i$ )) ( $p_i$ ))

Em (09), o verbo *sentir* introduz uma inferência do Falante sobre uma possível causa para os problemas psicológicos de muitos adolescentes e para o envolvimento deles com drogas. Segundo o Falante, esses problemas devem-se à *falta da família*. Em (10), o verbo *ver* é usado para introduzir a conjectura do Falante acerca da dificuldade de se manter uma oficina eletrônica.

Com relação à representação semântica dos casos de evidencialidade inferida expressos por construções complexas com verbos de percepção, é possível observar, nas duas ocorrências apresentadas em (09) e (10) que a Proposição que contém a inferência ocorre encaixada no verbo de percepção. Na estrutura subjacente de ambas ocorrências, há uma Proposição ( $p_i$ ), que contém um Episódio ( $ep_i$ ), que, por sua vez, contém um Estado-de-Coisas ( $e_i$ ). Esse Estado-de-Coisas se caracteriza por uma Propriedade Configuracional ( $f_i$ ), que contém a Propriedade ( $f_i$ ), que especifica o tipo de relação que se estabelece entre o Indivíduo ( $x_i$ ), que designa o Falante, e ( $p_i$ ). Tendo em vista que, nesses casos, ( $x_i$ ) se relaciona com um construto mental, uma unidade do tipo (p), os verbos *sentir* e *ver* especificam uma operação mental, e não uma percepção física.

A evidencialidade direta é utilizada pelo Falante quando ele deseja informar ao Ouvinte que testemunhou um Estado-de-Coisas acontecer. Esse tipo de evidencialidade pode ser codificado pelos três verbos analisados neste estudo. O uso desses verbos na expressão de evidencialidade direta depende da maneira como o Estado-de-Coisas foi percebido pelo Falante, como pode ser observado a seguir.

O verbo *ver* indica que o Estado-de-Coisas foi percebido pelo Falante por meio da visão (11) ou da audição (12), o verbo *ouvir* introduz um Estado-de-Coisas percebido pela audição (13) e o verbo *sentir* apresenta Estados-de-Coisas percebidos pelo tato (14), olfato (15) e paladar (16):

- (11) Inf.: ah e aí:: eu fui no Pales::tra... encontrei e::la... a gente [conversô::(u)]  
 Doc.: [o(u)tro dia] cê foi no Palestra?  
 Inf.: é... no dia do desfile... ela desfilô::(u) **vi ela desfilá::(r)**... tava lin::da... aí depois do desfile a gente conversô(u)... aí eu dei um/ umas indiretas nela... NÃO indireta foi... BEM direta... porque senão num ia conseguí(r) falá(r) (AC-021, L.62-66)
- (12) Recentemente eu adquiri um casal de platis e coloquei no meu aquário. Acho que já tem entre 2 a 3 semanas. Até hoje nada. Não vejo sinais de “cruzamento”. Só vejo o macho correndo atrás da fêmea e nada. Aí eu fiquei na dúvida. Existe cio para fêmeas de platis? Se existir, quanto é esse tempo? Outra coisa. Qual o motivo para eles ainda não terem acasalados? Tem que bater os “gê-nios” dos peixinhos? Brincadeiras à parte, **eu sempre vejo o pessoal falando que o tempo é em torno de 2 a 3 semanas para ela ter os alevinos. Também vejo falar que os casais de bandeiras formam por afinidade.** Será que é assim também com os platis?  
 (<http://www.aquaonline.com.br/forum/viewtopic.php?f=7&t=16014>)
- (13) Sete e meia da manhã. Cruzo a cidade adormecida e escura. Já no centro, perto do trabalho, **ouço passarinhos cantando.** Passarinhos cantando. Em pleno janeiro.  
 (<http://fabriani.com/?m=200801>)
- (14) Quanto as tremidinhas também já senti várias vezes. Mas, gente, fiquei tão feliz agora. **Senti ela mexer de verdade!** Agorinha mesmo. Nada brusco, uma cosquinha, mas que deu para ter certeza que é ela. (<http://www.e-familynet.com/phpbb/vcs-ja-sentem-o-bebe-mexer-v95644.html>)
- (15) — A gente se vê amanhã — Ele disse segurando minhas mãos. Eu só assenti com a cabeça e ele me beijou. Um beijo rápido, afinal todos estavam olhando, mais o suficiente para eu me arrepiar.

Entrei no carro e fechei a porta. E aquela sensação estranha, de estar sendo observada voltou e **eu senti o cheiro entrar pelas janelas abertas**. Quando meu pai parou o carro na frente do meu prédio o cheiro ainda estava lá, como se o cara estivesse nos seguido. (<http://ashleygreece-livro.blogspot.com/2009/06/8-capitulo.html>)

(16) — Sasuke... — ouvi meu nome, de novo — Este é o sabor do sangue Uchiha.

Me falou, rapidamente eu senti sua mão viscosa e escorregadia, em meu pescoço. Com plena certeza de que me mataria, fechei os olhos. Um beijo voraz e cruel foi o que me deu. **Senti o gosto de sangue misturar-se com minha saliva e descendo como ácido por minha garganta**. As lágrimas caíram de novo, enquanto ficava sem ar.

— Sentiu o gosto Sasuke? Este é o gosto do seu sangue. Sangue que você não merece. (<http://www.fanfiction.net/s/4139087/1/Palavras>)

Todas essas ocorrências de evidencialidade direta têm em comum o fato de os verbos de percepção expressarem que o Falante testemunhou, de maneira direta por meio de algum sentido, um Estado-de-Coisas acontecer. Em (11), o verbo *ver* indica que o Estado-de-Coisas de alguém desfilar foi percebido pelo falante por meio da visão. Em (12), há dois casos em que esse mesmo verbo se relaciona com Estados-de-Coisas perceptíveis por meio da audição: em ambos os casos, trata-se do Estado-de-Coisas de alguém falar algo. Em (13), o verbo *ouvir* também introduz um Estado-de-Coisas perceptível por meio da audição. A diferença entre (12) e (13) está na natureza da informação sonora percebida: no primeiro caso, a informação é verbal e, no segundo caso, ela é não-verbal. Em (14), o verbo *sentir* introduz o Estado-de-Coisas percebido por meio do tato. Em (15), esse verbo indica que o Falante percebeu, por meio do olfato, o cheiro entrar pelas janelas; e, em (16), o verbo *sentir* é usado para indicar uma informação que foi apreendida pelo Falante por meio do seu paladar. Nos dois últimos casos, há a especificação do tipo de sentido envolvido pela introdução de um nome (“cheiro” em (15) e “gosto” em (16)) que complementa o verbo *sentir*.

Em todos os casos de evidencialidade direta apresentados acima, a mesma representação semântica se aplica. A primeira ocorrência, (11), é tomada como modelo para ilustrar a estrutura subjacente que também se aplica aos demais casos, apresentados de (12) a (16):

(17) (p<sub>i</sub>: (past ep<sub>i</sub>: (e<sub>i</sub>: [(f<sub>i</sub>: [(f<sub>j</sub>: ver (f<sub>j</sub>)) (x<sub>i</sub>)<sub>λ</sub> (sim e<sub>j</sub>: (f<sub>k</sub>: [-ela desfilar-] (f<sub>k</sub>) (e<sub>j</sub>) (f<sub>i</sub>)) (e<sub>j</sub>)) (ep<sub>i</sub>)) (p<sub>i</sub>))

Conforme se pode observar na representação semântica, o Estado-de-Coisas (e<sub>i</sub>) é caracterizado pela Propriedade Configuracional (f<sub>i</sub>), que contém a Propriedade (f<sub>j</sub>) que especifica a relação, ou seja, a percepção direta, entre o Indivíduo (x<sub>i</sub>), o Falante, e o Estado-de-Coisas (e<sub>j</sub>).

O Nível Morfossintático é o responsável por receber as informações semânticas e pragmáticas e transformá-las em uma única representação estrutural. Nos casos de evidencialidade analisados neste estudo, por se tratarem de orações complexas, o contexto sintático em que ocorrem os verbos *ver*, *ouvir* e *sentir* corresponde a uma Expressão Linguística composta por Oração principal e Oração subordinada completiva.

Nos casos em que uma Oração subordinada completiva finita é usada como complemento dos verbos de percepção, a mesma estrutura subjacente representa os casos de evidencialidade reportativa e inferida. O trecho em destaque em (18) é usado como modelo para a exposição da representação morfossintática desse tipo de estrutura:

- (18) Inf.: [nem:: conta] agora já minha o(u)tra irmã... fala tudo um dia... eu matei aula... foi que:: deu um (problema)... aí... chegô(u) lá... aí... eu fui na:: fe(i)ra da:: escola dela... aí eu vi ela de longe... aí **eu vi que ela virô(u) a esquina** assim... e saiu mostran(d)o a o/ nao(u)tra esquina que é aquela desce né (AC-017, L.110-113)

	P <sup>I</sup>	P <sup>M</sup>	P <sup>F</sup>			
			P <sup>I</sup>	P <sup>I+1</sup>	P <sup>M</sup>	P <sup>M+1</sup>
(Le <sub>i</sub> : (Cl <sub>i</sub> : [(Gw <sub>i</sub> ) <sub>Subj</sub> (Vp <sub>i</sub> ) (Cl <sub>j</sub> : [(Gw <sub>j</sub> ) (Gw <sub>k</sub> ) <sub>Subj</sub> (Vp <sub>j</sub> ) (Np <sub>j</sub> )] (Cl <sub>j</sub> ) <sub>Obj</sub> ])						
	eu	vi	que	ele	virou	a_esquina
(Cl <sub>i</sub> ) (Le <sub>i</sub> )						

Conforme mostra a representação morfossintática de (18), na Oração principal (Cl<sub>i</sub>), a posição P<sup>I</sup> é ocupada pelo pronome *eu* (Gw<sub>i</sub>), que tem a função de Sujeito. A posição P<sup>M</sup> é ocupada pelo verbo de percepção *ver* (Vp<sub>i</sub>) e a posição P<sup>F</sup> é ocupada pela Oração subordinada (Cl<sub>j</sub>), que tem a função de Objeto. No interior da Oração subordinada, uma vez que ela é desenvolvida, o complementizador *que* ocupa a posição P<sup>I</sup>, a posição à direita de P<sup>I</sup> é ocupada por um pronome que tem função de Sujeito dentro da Oração Subordinada, a posição P<sup>M</sup> é ocupada por um verbo e a posição P<sup>M+1</sup> pelo objeto desse verbo. Quando se usa esse tipo de configuração morfossintática na expressão da evidencialidade, a posição final da Oração Subordinada é fixa, devido à sua complexidade. No interior da Oração principal, a posição P<sup>I</sup> é reservada para o sujeito, que pode ser expresso ou não, mas sempre vai corresponder ao pronome de primeira pessoa do singular, e a posição P<sup>M</sup> necessariamente vai ser ocupada por um verbo de percepção, que toma como complemento a Oração (Cl<sub>j</sub>). Os constituintes dessa Oração podem variar, dependendo da informação que o Falante queira transmitir.

As Orações subordinadas completivas não-finitas reduzidas de infinitivo podem ser usadas na expressão de três tipos de evidencialidade: reportativa, inferida e direta. Há uma diferença, no entanto, na configuração morfossintática desse tipo de estrutura quando expressam evidencialidade reportativa e inferida, por um lado, e evidencialidade direta, por outro. Primeiramente, são apresentadas representações morfossintáticas para um caso de evidencialidade reportativa (19) e um caso de evidencialidade inferida (20):

- (19) Viram que, após ser feita a entrada pro número de valores do vetor, dá erro de execução e o programa fecha? Gostaria de saber por quê. Imagino que tenha a ver com a minha declaração de variáveis fora do início da função, mas mesmo **isso eu ouvi ser aceito** nas versões mais novas da linguagem. (<http://55chan.org/prog/7.html>)

	P <sup>I</sup>	P <sup>I+1</sup>	P <sup>M</sup>	P <sup>F</sup>		
					Ø	P <sup>M</sup>
(Le <sub>i</sub> : (Cl <sub>i</sub> : [(Gw <sub>i</sub> ) <sub>Sbj</sub> (Gw <sub>j</sub> ) <sub>Sbj</sub> (Vp <sub>i</sub> ) (Cl <sub>j</sub> : [(Gw <sub>j</sub> ) <sub>Sbj</sub> (Vp <sub>j</sub> : [(Vw <sub>i</sub> : ser-inf (Vw <sub>i</sub> )) (Nw <sub>j</sub> )] ser_aceito						
	isso	eu	ouvi			
(Vp <sub>i</sub> ) (Cl <sub>j</sub> ) <sub>Obj</sub> ]		(Cl <sub>i</sub> ) (Le <sub>i</sub> )				

Em (19), a Oração subordinada não-finita (Cl<sub>j</sub>) ocupa a posição P<sup>F</sup> da Oração principal (Cl<sub>i</sub>), mas o constituinte sujeito da Oração subordinada aparece no interior da Oração principal, deixando vaga a posição P<sup>I</sup> da Oração (Cl<sub>j</sub>). Como a posição P<sup>I</sup> da Oração principal está ocupada, o sujeito do verbo *ouvir* vai para a posição P<sup>I+1</sup>. No interior da Oração subordinada, a posição P<sup>M</sup> é ocupada pelo Sintagma verbal (Vp<sub>j</sub>), que contém a cópula e o predicado lexical como complemento. Esse tipo de Sintagma verbal é o que caracteriza os complementos reduzidos de infinitivo que codificam evidencialidade

reportativa e inferida. Não foram encontrados casos desses dois tipos de evidencialidade com complementos reduzidos de infinitivo em que o Sintagma verbal do complemento contivesse um verbo lexical como núcleo. O mesmo acontece no caso de evidencialidade inferida representado a seguir:

- (20) Ouvi a entrevista na íntegra e **senti ser Dilma uma pessoa muito arrogante**.  
(<http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/sanatorio-geral/nenhum-neuronio/>)

P <sup>I</sup>	P <sup>M</sup>	P <sup>F</sup>	Ø	P <sup>M</sup>	P <sup>M+1</sup>
(Le <sub>i</sub> ; Cl <sub>i</sub> : [	(Vp <sub>i</sub> ) senti	(Cl <sub>j</sub> : [	(Nw <sub>i</sub> ) (Vp <sub>j</sub> : [(Vw <sub>i</sub> : ser-inf (Vw <sub>j</sub> ))	(Nw <sub>i</sub> )	(Np <sub>j</sub> ) Dilma
			ser		
P <sup>M+2</sup>	P <sup>M+3</sup>	] (Cl <sub>j</sub> ) <sub>obj</sub> ] (Cl <sub>i</sub> ) (Le <sub>j</sub> )			
(Adj <sub>p</sub> : (Adv <sub>w</sub> )	(Adj <sub>w</sub> ) (Adj <sub>p</sub> )	(Vp <sub>j</sub> ) ]			
uma_pessoa	muito_arrogante				

A mesma configuração morfossintática de (19) acontece em (20). A diferença está no posicionamento do sujeito da Oração subordinada; enquanto em (19) ele ocupa a posição P<sup>I</sup> no interior da Oração principal, em (20), ele ocorre no interior da Oração subordinada, depois da cópula, na posição P<sup>M+1</sup>, deixando vaga a posição P<sup>I</sup>.

Nas Orações subordinadas reduzidas de infinitivo que codificam evidencialidade direta, a seguinte representação morfossintática se aplica:

- (21) Inf.: ah eles num tão nem aí... ((risos)) [entendeu?] [Doc.: é verdade] eu tava lá na frente e **vi a polícia passá(r)** assim eles falaram –“a lá os homem... óh lá os homem”– daí a pouco a polícia desce na rua de casa... [Doc.: nossa] só iss/ o que faltava tá atrás deles né? (AC-058, L.392-395)

P <sup>I</sup>	P <sup>M</sup>	P <sup>F</sup>	P <sup>I</sup>	P <sup>M</sup>	P <sup>M</sup>	P <sup>M</sup>	P <sup>M</sup>
(Le <sub>i</sub> ; Cl <sub>i</sub> : [	(Vp <sub>i</sub> ) vi	(Cl <sub>j</sub> : [(Np <sub>i</sub> ) <sub>subj</sub>	(Vp <sub>j</sub> )	(Cl <sub>j</sub> ) <sub>obj</sub> ] (Cl <sub>i</sub> )	(Cl <sub>j</sub> ) <sub>obj</sub> ] (Cl <sub>i</sub> )	(Cl <sub>j</sub> ) <sub>obj</sub> ] (Cl <sub>i</sub> )	(Le <sub>j</sub> )
		a_polícia	passar				

Em (21), a posição P<sup>I</sup> da Oração principal não é preenchida porque o Sujeito do verbo *ver*, que ocupa a posição P<sup>M</sup>, não é realizado verbalmente. A posição P<sup>F</sup> é ocupada pela Oração não-finita. No interior da Oração complemento, a posição P<sup>I</sup> é ocupada pelo sujeito do verbo que ocupa a posição P<sup>M</sup>. Diferentemente dos casos de evidencialidade reportativa e inferida expressos por complementos reduzidos de infinitivo, nos casos de evidencialidade direta o Sintagma verbal da Oração subordinada pode ter como núcleo um verbo lexical. Na verdade, na grande maioria dos casos de evidencialidade direta, o núcleo do Sintagma verbal é de fato um verbo lexical.

As Orações subordinadas na forma não-finita reduzida de gerúndio só são usadas na expressão da evidencialidade direta. Na representação morfossintática da ocorrência apresentada a seguir, observa-se que a mesma estrutura subjacente usada para representar a Oração subordinada reduzida de infinitivo é empregada. É a distinção de Aspecto Progressivo, que diferencia a ocorrência (21) da ocorrência (22), mas tal distinção, de acordo com o modelo da GDF, só é feita no Nível Representacional.

- (22) Sete e meia da manhã. Cruzo a cidade adormecida e escura. Já no centro, perto do trabalho, **ouço passarinhos cantando**. Passarinhos cantando. Em pleno janeiro.

(<http://fabriani.com/?m=200801>)

	P <sup>I</sup>	P <sup>M</sup>	P <sup>F</sup>			
			P <sup>I</sup>	P <sup>M</sup>		
(Le <sub>i</sub> ; (Cl <sub>i</sub> : [	(Vp <sub>i</sub> )	(Cl <sub>j</sub> : [(Np <sub>i</sub> ) <sub>Subj</sub>	(Vp <sub>j</sub> )]	(Cl <sub>j</sub> ) <sub>Obj</sub> ]	(Cl <sub>i</sub> )	(Le <sub>i</sub> )
	ouço	passarinhos	cantando			

Em (22), o verbo de percepção *ouvir* atua como o predicado da Oração principal, ocupando a posição P<sup>M</sup>. A posição P<sup>F</sup> é ocupada pela Oração subordinada reduzida de gerúndio. No interior da Oração subordinada, a posição P<sup>I</sup> é ocupada pelo sujeito do Sintagma verbal (Vp<sub>j</sub>), que ocupa a posição P<sup>M</sup>. Como se pode observar, o núcleo do Sintagma verbal (Vp<sub>j</sub>) é um verbo lexical, o que caracteriza os casos de evidencialidade direta expressos por complementos reduzidos.

### Considerações finais

Esta pesquisa buscou analisar quais tipos evidenciais são codificados por orações complexas com os verbos *ver*, *ouvir* e *sentir*, identificando os contextos sintático-semânticos e pragmáticos que propiciam a leitura evidencial. Para atingir tal objetivo, seguiu-se a classificação dos evidenciais proposta pela GDF e levaram-se em conta os pressupostos teórico-metodológicos mais gerais desse modelo de descrição linguística.

A análise dos dados seguindo o modelo de descrição proposto pela GDF mostrou que, no Nível Interpessoal, os diferentes tipos de evidencialidade podem ser representados por um Ato Discursivo, que se caracteriza pela mesma Força Illocucionária (Declarativa) e pela presença de um Subato Referencial correspondente ao Falante.

Tendo em vista que o fenômeno aqui estudado está relacionado, em primeiro lugar, com os significados dos verbos, as diferenças entre os tipos evidenciais codificados pelos três verbos analisados puderam ser claramente observadas a partir da descrição dos dados no Nível Representacional. A descrição semântica dos casos de evidencialidade expressos pelos verbos de percepção pode ser resumida da seguinte forma: i) evidencialidade reportativa: codificada pelos verbos *ver* e *ouvir* quando eles apresentam uma informação linguística retransmitida pelo Falante. A informação que o Falante retransmite corresponde a um Conteúdo Comunicado, unidade do Nível Interpessoal; ii) evidencialidade inferida: codificada pelos verbos *ver*, *ouvir* e *sentir* quando eles apresentam um cálculo mental do Falante. A informação inferida corresponde a um Conteúdo Proposicional, unidade do Nível Representacional; iv) evidencialidade direta: codificada pelos verbos *ver*, *ouvir* e *sentir* quando eles expressam que o Falante presenciou um Estado-de-Coisas acontecer. A unidade com a qual o verbo se relaciona, nesse caso, é o Estado-de-Coisas, do Nível Representacional.

Com relação aos aspectos sintáticos das orações complexas em que os verbos *ver*, *ouvir* e *sentir* são usados com valor evidencial, a estrutura é formada por uma Expressão Linguística composta por Oração principal e Oração subordinada completiva.

A análise em três níveis aqui empreendida, além de demonstrar a adequação do modelo teórico da GDF para a descrição do fenômeno aqui investigado, revela especificidades importantes para uma caracterização pormenorizada dos usos dos verbos de percepção

em contextos evidenciais. A partir da compreensão dos aspectos sintático-semânticos e pragmáticos envolvidos no conjunto de dados analisados, conclui-se que os verbos *ver*, *ouvir* e *sentir*, especialmente quando usados em orações complexas, são formas de expressão da evidencialidade bastante produtivas em língua portuguesa. A diversidade de tipos evidenciais expressos por cada verbo e as diferentes estruturas sintáticas em que esses verbos podem ocorrer demonstram a variedade de recursos linguísticos de que os falantes do português dispõem quando decidem disponibilizar a seus ouvintes o modo como obtiveram as informações que transmitem.

## REFERÊNCIAS

AIKHENVALD, A. Y. *Evidentiality*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

AIKHENVALD, A. Y.; DIXON, R. M. W. (Eds.). *Studies in evidentiality*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2003. (Typological studies in language 54)

ANDERSON, L. B. Evidentials, paths of change and mental maps: typologically regular asymmetries. In: CHAFE, W.; NICHOLS, J. (Eds.). *Evidentiality: the linguistic coding of epistemology*. Norwood, New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1986. p.188-202.

CASSEB-GALVÃO, V. C. *Evidencialidade e gramaticalização no português do Brasil: os usos da expressão *diz que**. 2001. 231f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

CHAFE, W. Evidentiality in English conversation and academic writing. In: CHAFE, W.; NICHOLS, J. (Eds.). *Evidentiality: the linguistic coding of epistemology*. Norwood, New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1986. p. 261-72.

CHAFE, W.; NICHOLS, J. (Eds.). *Evidentiality: the linguistic coding of epistemology*. Norwood, New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1986.

DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. Pesquisas em sintaxe: a abordagem funcionalista da evidencialidade. In: MASSINI-CAGLIARI, G. et al. (Org.) *Trilhas de Mattoso Câmara e outras trilhas: fonologia, morfologia, sintaxe*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007. p. 103-145.

\_\_\_\_\_. *Evidencialidade e modalidade: forma e função*. (Relatório de pesquisa). São Paulo: FAPESP, 2001.

DIK, S. *The Theory of Functional Grammar*. Part I: The structure of the clause. 2. ed. Dordrecht: Foris, 1997a.

\_\_\_\_\_. *The Theory of Functional Grammar*. Part II: Complex and derived constructions. 2.ed. New York: Mouton de Gruyter, 1997b.

FLOYD, R. *The structure of evidential categories in wanka quechua*. Dallas: Summer Institute of Linguistics, 1999.

GONÇALVES, S. C. L. *Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista*, 2007. Disponível em: <<http://www.alip.ibilce.unesp.br/iboruna>>. Acesso em: 20 nov. 2010.

\_\_\_\_\_. *Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil*. 2003. 250 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, L. *Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

JOHANSON, L.; UTAS, B. (Eds.). *Evidentials: Turkic, Iranian and neighbouring languages*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000. (Empirical Approaches to Language Typology, 24)

VENDRAME, V. *A evidencialidade em construções complexas*. 2005. 114f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto.

WHITT, R. J. Auditory evidentiality in English and German: the case of perception verbs. *Lingua*, v. 119, n. 7, p. 1083-1095, 2009.

WILLET, T. A cross-linguistic survey of the grammaticalization of evidentiality. *Studies in Language*, v. 12, n. 1, p. 51-97, 1988.

WOODBURY, A. C. Interactions of tense and evidentiality: a study of Sherpa and English. In: CHAFE, W.; NICHOLS, J. (Eds.). *Evidentiality: the linguistic coding of epistemology*. Norwood, New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1986. p. 188-202.